



JACK LONDON

ACENDER

UMA FOGUEIRA

ACEND
UMA FOGU

JACK LODG



MORROBRANCO
EDITORA

Copyright desta edição © Editora Morro Branco 2019

Título original em inglês: *To build a fire*

Direção editorial: *Victor Gomes*

Tradução: *Victor Gomes e Giovana Bomentre*

Preparação: *Suzannah Almeida*

Capa, projeto gráfico e diagramação: *Beatriz Borges*

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L847a London, Jack

Acender uma fogueira / Jack London; Tradução: Giovana Bomentre e Victor Gomes. - São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

ISBN: 978-85-92795-90-0

1. Literatura americana - Romance. 2. Ficção.

I. Bomentre, Giovana. II. Gomes, Victor. III. Título.

CDD 813



Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA MORRO BRANCO

Alameda Campinas 1357, 8º andar

01419-908 – São Paulo, SP – Brasil

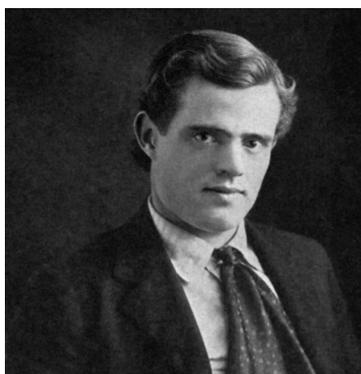
Telefone (11) 3373-8168

www.editoramorrobranco.com.br

Impresso no Brasil, 2019

eBook: Argon

Versão 1.0



JACK LONDON

Jack London é o pseudônimo de John Griffith Chaney, nascido em 1876. Suas obras costumam ser inspiradas em aventuras que ele mesmo viveu: como marinheiro na costa norte-americana e no Japão, como militante socialista ou ainda tentando a sorte na corrida do ouro no Alaska.

London encarava a escrita como o ofício que o tiraria da pobreza - e de fato, obteve imensa popularidade e fortuna, sendo considerado um dos principais escritores de sua época e um dos primeiros a atingir fama mundial através de suas obras.

Conhecido por clássicos como *O chamado selvagem* e *Caninos brancos*, London segue atual e teve mais de cem adaptações de suas obras nos mais diversos meios. Até hoje é considerado um dos maiores escritores americanos de todos os tempos.

Acender uma fogueira

O dia amanhecera frio e cinzento – excessivamente frio e cinzento – quando o homem desviou da rota principal do rio Yukon e subiu na encosta em que uma trilha escura e pouco utilizada cortava a floresta de pinheiros em direção ao leste. Era uma encosta íngreme e ele parou no topo para recuperar o fôlego, olhando para o relógio como justificativa. Eram nove horas da manhã. Não havia sol ou qualquer sinal dele, embora não houvesse uma nuvem sequer no céu. O dia estava limpo, mas parecia haver um manto indescritível sobre a face das coisas, uma melancolia tênue que tornava o dia sombrio, tudo por conta da ausência do sol. Esse fato não preocupava o homem. Ele estava acostumado com a falta de sol. Fazia dias que o avistara pela última vez e sabia que outros passariam antes que a radiante esfera surgisse no horizonte, ao sul, antes de sumir de vista uma vez mais.

O homem lançou um olhar para o caminho percorrido. A trilha Yukon tinha mais de um quilômetro de largura e estava oculta sob um metro de gelo. Sobre esse gelo havia o mesmo tanto de neve. Tudo era branco puro, movendo-se em suaves ondulações onde as camadas de gelo haviam se formado. Norte e sul, até onde a vista alcançava, eram de um branco ininterrupto, exceto pela fina linha negra que curvava-se e se retorcia para o sul a partir da ilha coberta por pinheiros e que curvava-se e se retorcia até o norte, onde desaparecia atrás de uma outra ilha coberta por pinheiros. Essa linha era a trilha – a trilha principal – que seguia 800km ao sul para a passagem de Chilcoot, Dyea, e para a água salgada; e que levava, ao norte, para Dawson, e ainda a mais de mil quilômetros ao

norte para Nulato e, finalmente, para St. Michael, no mar de Bering, mil quilômetros e mil quilômetros mais.

Mas isso tudo – a longa e misteriosa trilha, a ausência de sol, o frio extremo e a estranheza de tudo isso – não tinha efeito no homem. Não que estivesse familiarizado, era recém-chegado na região, um *chechaquo*, e este era seu primeiro inverno.

O problema era sua falta de imaginação. Ele tinha rapidez e prontidão para as coisas da vida, mas apenas para coisas, não para seus significados. Sabia todas as equações para converter as temperaturas e como calcular o ponto de congelamento – e fazia quarenta e cinco graus abaixo de zero. Isto o informava apenas que estava frio e desconfortável, nada mais. Não o levava a ponderar suas fraquezas como uma criatura afetada por temperaturas ou a fragilidade da humanidade como um todo, apta a viver apenas dentro de limites estreitos de calor e frio, e daí não foi levado ao campo especulativo da imortalidade e do lugar da humanidade no universo. Quarenta e cinco graus abaixo de zero significavam queimaduras de frio que doíam e deveriam ser evitadas com o uso de luvas, protetores de orelha, mocassins quentes e meias grossas. Quarenta e cinco graus abaixo de zero não eram para ele nada além de quarenta e cinco graus abaixo de zero. Que houvesse qualquer outro significado mais relevante era uma ideia que nunca passou por sua mente.

Ao virar-se para partir, cuspiu no chão. Houve um estalo súbito e explosivo que o surpreendeu. Ele cuspiu de novo. E de novo, no ar, antes que pudesse cair na neve, sua saliva fez um ruído estridente. Sabia que a 45 negativos a cusparada explodia ao chegar na neve, mas esta explodira no ar. Sem dúvidas estava mais frio que 45 negativos – exatamente o quanto ele não sabia.

Porém, a temperatura não importava. Ele estava decidido a seguir a bifurcação à esquerda, pelo caminho que o levaria ao antigo acampamento no riacho Henderson, onde os rapazes já estavam. Enquanto haviam escolhido cruzar a fronteira pela trilha do riacho Indian, ele pegara a trilha mais longa para verificar se era possível mandar troncos das ilhas de Yukon rio abaixo quando o gelo derretesse. Ele chegaria ao acampamento às seis da tarde, um pouco depois de escurecer é verdade, mas os rapazes estariam lá

com uma fogueira e um jantar quente. Pensando no almoço, ele comprimiu o pacote sob a jaqueta com a mão. O pacote estava sob a camisa, enrolado em um lenço contra o calor da pele. Era a única forma de impedir que os pães congelassem. Sorriu satisfeito consigo mesmo, pensando nos pedaços de pão, cada um ensopado de gordura e contendo porções generosas de bacon.

Então, entrou na floresta dos grandes pinheiros. A trilha não era muito visível aqui. Muitos centímetros de neve haviam caído desde a passagem do último trenó e estava feliz por ter decidido viajar sem um, viajando sem bagagem. Na verdade não carregava nada além do almoço enrolado no lenço. Estava surpreso, entretanto, com o frio. Estava realmente frio, ele decidiu, esfregando o rosto e o nariz com a mão enluvada. Era um homem barbado, mas seus pelos não protegiam as bochechas e o nariz que se lançava avidamente contra o vento gelado.

Nos calcanhares do homem seguia um cão, um grande husky, o verdadeiro cão-lobo, de pelo cinza e sem diferenças perceptíveis de físico ou temperamento para o seu irmão, o lobo selvagem. O animal estava deprimido com o intenso frio. Sabia que não era um bom momento para viajar. Seu instinto projetava uma história mais verdadeira do que a do julgamento do homem. Na verdade, não estava apenas mais frio que 45 graus abaixo de zero; estava mais frio que 50 negativos, que 55 negativos. Eram 60 graus negativos.

O cão nada sabia sobre termômetros e temperaturas. Possivelmente, no cérebro dele não havia consciência precisa do frio, como havia no cérebro do homem. Mas o bruto tinha instinto. Experimentava um vago mas apreensivo temor que o levava a seguir, ávido, nos calcanhares do homem, questionando com avidez cada movimento inesperado, como se esperasse que ele voltasse para o acampamento ou buscasse abrigo e fizesse uma fogueira em algum lugar. O cão conhecia o fogo, ansiava por ele. Era isso ou cavar para baixo da neve, aninhando-se no buraco para proteger o que restasse de calor do ar frio.

A umidade congelada da respiração do animal formava em sua pele uma fina camada de pó de gelo, especialmente sobre sua mandíbula, focinho e cílios, que se embranqueciam pela respiração cristalizada. A barba ruiva do homem e seu bigode estavam

igualmente congelados, mas de maneira mais sólida, o acúmulo transformando-se em gelo e aumentando a cada respiração quente e úmida de sua boca. O viajante também mascava tabaco, e o gelo mantinha seus lábios tão firmemente fechados que ele não conseguia manter seu queixo limpo do sumo formado em sua boca. O resultado era uma barba cristalizada da cor e solidez do âmbar tomando toda a extensão do queixo. Se caísse, sua barba se quebraria como vidro, em inúmeros estilhaços. Mas ele não se importava com este anexo, era o preço a ser pago por todos os mascadores de tabaco do país e ele mesmo já tinha caminhado duas outras vezes no frio intenso. Talvez não tão frio como desta vez, mas pelo termômetro de Sixty Mile, sabia que haviam registrado temperaturas de até 48 graus negativos.

Ele seguiu por vários quilômetros pela floresta elevada, cruzou uma área com vegetação mais esparsa e desceu até as margens congeladas de um córrego. Esse era o riacho Henderson e ele sabia que estava a quinze quilômetros da bifurcação do rio. Olhou para o relógio. Eram dez horas. Ele estava viajando a uma média de seis quilômetros por hora e calculou que chegaria à bifurcação ao meio-dia e meia. Decidiu almoçar quando chegasse lá para celebrar a ocasião.

O cão desacelerou o passo, com o rabo entre as pernas de desânimo, enquanto o homem se aproximava do leito do rio. A marca da velha trilha de trenós ainda era visível, mas uma densa camada de neve cobria os sinais dos últimos viajantes. Havia um mês que nenhum ser humano passava para um lado ou para o outro daquele riacho silencioso. O homem continuava firme em seu trajeto. Não era um tipo pensativo e, particularmente naquela ocasião, não tinha muito em que pensar, exceto em almoçar na bifurcação e no fato de que, às 6 da tarde, estaria no acampamento com os rapazes. Não tinha ninguém para conversar; e mesmo que tivesse, seria impossível diante da focinheira de gelo. Então continuou a mascar o tabaco monotonamente e a aumentar o tamanho de sua barba âmbar.

De vez em quando, reiterava-se o pensamento de que estava realmente frio e que ele nunca sentira tanto frio. Enquanto seguia, esfregava o rosto e o nariz com as costas das mãos enluvadas.

Fazia o gesto sem pensar, trocando de mão frequentemente. Mas independentemente do quanto esfregasse, no instante em que parava o rosto ficava dormente e no instante seguinte o mesmo ocorria com a ponta de seu nariz. Sabia que iria congelar as bochechas, tinha certeza disso, e sentiu uma pontada de arrependimento por não ter trazido um protetor de nariz como o que o Bud usava na temporada fria. O protetor passava pelo resto do rosto e o protegia também. Mas isso não importava muito, afinal. O que eram umas bochechas congeladas? Um pouco de dor, só isso, nunca era nada sério.

Por mais vazia de pensamentos que fosse sua mente, ele observava tudo com atenção, notando as mudanças no riacho, nas curvas e nos desvios, sempre consciente de onde colocava o pé. Em dado momento, no início de uma curva, recuou abruptamente, como um cavalo assustado, desviou da rota que seguia e recuou vários passos na trilha. Sabia que o riacho estava completamente congelado até o fundo, nenhum riacho poderia ter água naquele inverno glacial, mas também sabia que havia correntes de água que vinham das encostas e corriam sob a neve e sobre o gelo do riacho. Sabia que mesmo no tempo mais frio essas correntes não congelavam, e, portanto conhecia seu perigo. Eram armadilhas. Elas escondiam poças sob a neve que podiam ter 8 ou 80 centímetros. Às vezes uma camada fina de gelo coberta de neve os cobria, escondendo-os. Às vezes camadas de gelo e água se alternavam e quando uma delas se quebrava as outras iam junto, fazendo as pessoas se molharem até a cintura.

Por isso saltou para trás em tamanho pânico. Sentira o gelo se mover sob seus pés e ouvira o ruído da película de gelo rachando sob a neve. E molhar os pés em tal temperatura significava problema e perigo. No mínimo significaria um atraso, pois seria obrigado a parar e acender uma fogueira, e sob sua proteção, ficar descalço para secar as meias e os mocassins.

Parou para examinar o leito do lago, suas margens, e decidiu que o fluxo da água vinha da direita. Refletiu, esfregando o nariz e rosto; e se encaminhou para a esquerda, caminhando cautelosamente, testando o terreno a cada passo. Uma vez passado

o perigo, pegou um novo pedaço de tabaco e continuou sua marcha de seis quilômetros por hora.

Durante as duas horas seguintes, ele se deparou com várias armadilhas similares. Geralmente, a neve acima das poças escondidas tinha uma aparência mais afundada, cristalizada, que anunciava o perigo. Uma vez mais, contudo, quase rompeu o gelo. Em outra, pressentindo o perigo, induziu o cão a ir à frente. O animal não queria ir. Hesitou até o homem empurrá-lo adiante, cruzando rapidamente a superfície branca e intacta. Repentinamente, a superfície se rompeu e ele quase caiu para o lado, mas conseguiu chegar firmar a pata. Havia molhado os pés e as pernas, e quase imediatamente a água que agarrava seus membros tornou-se gelo. O cão fez um esforço rápido para lambe o gelo das patas e então deitou-se no chão para morder o gelo que se formava entre os dedos dele. Era uma questão de instinto. Se permitisse que o gelo ficasse lá, teria dor nos pés. Não que realmente soubesse disso, apenas obedecia aos comandos que surgiam das partes mais profundas do seu ser.

Mas o homem sabia, e tendo chegado a um veredito sobre a situação, removeu da mão direita a parte de cima da luva sem dedos e ajudou o cão a tirar os pedaços de gelo. Seus dedos não ficaram expostos por mais de um minuto, e ficou surpreso ao perceber quão rapidamente ficaram dormentes. Estava realmente muito frio. Recolocou a luva com rapidez e bateu a mão no peito com força.

Ao meio-dia, o céu estava no auge de sua claridade e mesmo assim o Sol estava muito longe, seguindo em sua jornada invernal para o sul, para realmente clarear o horizonte. A curvatura da terra impunha uma barreira entre ele e o riacho Henderson, fazendo-o andar em meio ao céu limpo do meio-dia e não projetar sua própria sombra.

Ao meio-dia e meia, pontualmente, ele chegou à bifurcação do riacho. Estava contente com sua velocidade. Se continuasse assim, certamente já estaria com os rapazes às seis.

Ele desabotoou o casaco e a camisa para pegar o almoço. A ação não durou mais que um quarto de minuto e ainda assim a dormência tomou os dedos expostos. Não vestiu a luva novamente,

em vez disso bateu os dedos várias vezes contra a própria perna. Então, sentou-se para comer em um tronco coberto de neve. As pontadas de dor que sentira ao bater as mãos nas pernas cessaram tão rapidamente que ele ficou assustado. Sequer tivera tempo de dar uma mordida no almoço. Bateu os dedos repetidamente e os cobriu novamente com a luva, expondo a outra mão para poder comer. Tentou dar uma mordida, mas a flocinheira de gelo em volta da boca o impediu. Havia se esquecido de fazer uma fogueira para que ela se desfizesse. Riu da própria tolice e, enquanto ria, notou a dormência se alastrando por seus dedos expostos. Também notou que o formigamento que surgira em seus pés, quando ele sentou já estava desaparecendo. Perguntou-se se os dedos do pé estavam aquecidos ou dormentes. Tentou movê-los dentro dos mocassins e decidiu que estavam dormentes.

Recolocou as luvas com pressa e levantou-se. Estava um pouco assustado. Começou a bater os pés no chão com força até o formigamento voltar. Estava realmente frio, foi o que pensou. Aquele homem do riacho Sulphur dissera a verdade quando falou quão frio fazia neste país às vezes. E ele rira do homem na época! Isso lhe mostrava que nunca se deve ter certeza demais das coisas. Não havia dúvidas, *estava* frio. Pôs se a andar, batendo os pés com força no chão e movimentando os braços, até se reconfortar com o retorno do calor. Então pegou alguns fósforos para começar a fazer uma fogueira. Da vegetação rasteira, onde as águas da primavera anterior depositaram velhos gravetos, conseguiu sua lenha. Trabalhando cuidadosamente, de uma tímida chama ele logo obteve um fogo crepitante, sobre o qual ele derreteu o gelo de seu rosto e sob cuja proteção ele pôde comer. Por um momento, o frio foi esquecido e vencido.

O cão encontrou conforto na fogueira, estendendo-se perto o bastante para sentir o calor e longe o bastante para evitar queimaduras. Quando o homem terminou de comer, encheu seu cachimbo com tabaco e confortou-se com a fumaça. Então recolocou as luvas, ajustou o gorro firmemente sobre as orelhas e seguiu para a esquerda na trilha do riacho.

O cão lamentava a partida e ansiava para que voltassem para perto da fogueira. Esse homem não conhecia o frio. Possivelmente

nenhum dos ancestrais dele conhecera o frio, o frio de verdade, o frio de sessenta graus abaixo do ponto de congelamento. Mas o cão conhecia, toda sua família conhecia, e havia herdado o conhecimento. E sabia que não era bom estar ao ar livre num frio tão assustador. Era hora de se esconder em um buraco na neve e esperar que uma cortina de nuvens se desenhasse através do espaço sideral de onde este frio intenso viera.

Por outro lado, não havia vínculo real entre o cão e o homem. O primeiro era escravo do segundo e as únicas carícias que havia recebido eram aquelas do chicote e de guturais e ameaçadores sons que precediam o chicote. Assim, o cão não fez qualquer esforço para expressar sua apreensão ao homem. Não estava preocupado com o bem-estar dele, era pelo seu próprio bem que olhava ansioso para a fogueira. Mas o homem assobiou e falou-lhe com os sons do chicote, e o cachorro limitou-se a segui-lo.

O homem colocou mais tabaco na boca e logo começou a produzir sua nova barba âmbar. De novo a respiração úmida cristalizava-se rapidamente nos pelos do bigode, da sobrancelha e nos cílios. Ele olhou em volta. Não parecia haver tantas poças sob a neve do lado esquerdo do riacho Henderson e por meia hora o homem não viu sinal algum delas. Então aconteceu. Em um lugar onde não havia sinais, onde a neve inteiriça e macia parecia anunciar a solidez abaixo, o homem afundou. Não era profunda. Ele se molhou até os joelhos antes de sair da água para a crosta sólida.

Ele estava bravo e amaldiçoou sua sorte em voz alta. Esperava chegar ao acampamento e encontrar os rapazes às seis e aquilo o atrasaria em uma hora, já que teria de fazer uma fogueira e secar os mocassins e as meias. Era essencial naquela temperatura baixa. Disso ele sabia.

Virou-se para uma pequena colina formada pelas margens do lago e a subiu. De cima, próximo a uma vegetação rasteira e dos troncos de pequenos pinheiros, havia um depósito de lenha, gravetos e galhos, mas também grama seca, que haviam sido levados para lá pelo nível alto que o rio atingira ano passado. Ele jogou vários galhos grossos sobre a neve. Eles serviriam de base e evitariam que as jovens chamas morressem na neve molhada. A chama ele conseguiu ao colocar o fósforo contra um pedaço

pequeno de casca de árvore que estava em seu bolso. Queimava ainda melhor que papel. Colocando-o na base, ele alimentou o fogo incipiente com pedaços de grama seca e com os menores dos gravetos.

Ele trabalhou lenta e cuidadosamente, ciente do perigo. Aos poucos, conforme as chamas cresciam, aumentou o tamanho dos galhos com os quais as alimentava. Agachou-se na neve, pegando os gravetos dos arbustos sob as árvores e colocando-os diretamente no fogo. Sabia que não poderia falhar. Quando está 60 graus negativos, um homem não pode falhar em sua primeira tentativa de fazer uma fogueira – especialmente se os pés dele estiverem molhados. Se os pés estiverem secos e ele falhar, poderá correr um quilômetro pela trilha para manter o sangue circulando. Mas o sangue em pés molhados e congelados não circula quando está 60 graus negativos. Não importa quão rápido ele corra, os pés molhados congelarão ainda mais.

O homem sabia de tudo isso. O velho do riacho Sulphur havia lhe contado no outono anterior, e agora ele estava grato pelos conselhos. Toda sensibilidade de seus pés já havia sumido. Para fazer a fogueira ele fora obrigado a tirar as luvas e os dedos rapidamente adormeceram. O ritmo de seis quilômetros por hora havia mantido seu coração bombeando sangue para o corpo e todas suas extremidades. Mas, no instante em que parou, seus batimentos cardíacos diminuíram. O frio extremo do ar tomou conta do lugar desprotegido onde ele se encontrava, golpeando-o com toda a força, fazendo seu sangue se encolher de medo. O sangue estava vivo, como o cão. E, como o cão, queria se esconder e buscar abrigo, longe do frio tenebroso. Enquanto andasse a seis quilômetros por hora, conseguia bombear o sangue à superfície sem maiores esforços, mas agora afundava nos recantos mais profundos de seu corpo. As extremidades foram as primeiras a sentirem falta dele. Os pés molhados congelavam mais rápido, e seus dedos expostos adormeciam mais rápido, mesmo que ainda não tivessem começado a congelar. Nariz e bochechas já estavam congelando, enquanto sentia toda a sua pele esfriar à medida que o sangue parava de circular.

Mas ele estava seguro. Os dedos dos pés, o nariz e o rosto seriam apenas tocados pelo gelo, pois a fogueira já começava a queimar com intensidade. Ele a alimentava com gravetos do tamanho de seus dedos. Em mais um minuto ele poderia alimentá-la com galhos ainda maiores. Então poderia tirar o mocassim e as meias, e enquanto secassem, poderia manter os pés expostos aquecidos na fogueira, os esfregando primeiro, é claro, com neve. A fogueira fora bem-sucedida. Ele estava seguro.

Lembrou-se do conselho do velho do riacho Sulphur e sorriu. O homem havia sido muito sério ao ressaltar que nenhum homem deveria viajar sozinho por aquela região abaixo dos 45 graus negativos. Bem, cá estava ele: havia sofrido o acidente, estava sozinho e havia se salvado. Aqueles velhos eram bem mulherzinhas, pensou. Um homem só precisava manter a cabeça no lugar e ficaria bem. Qualquer homem de verdade poderia viajar sozinho.

Mas era surpreendente a rapidez com a qual seu rosto e nariz congelavam. E ele não havia pensado que os dedos perderiam a sensibilidade em tão pouco tempo. E realmente estavam sem sensibilidade, pois mal conseguia juntá-los para pegar um graveto, e pareciam distantes de seu corpo e dele. Quando tocava um galho, precisava olhar para verificar se o segurava ou não. Parecia não haver mais conexão entre o homem e a ponta dos dedos.

Tudo isso pouco importava. Havia a fogueira, crepitando e estalando, com sua promessa de vida em cada chama dançante. Ele começou a desamarrar os mocassins. Estavam cobertos de gelo, as grossas meias alemãs quase até os joelhos pareciam ser feitas de ferro e os cadarços, cordas de aço. Por um momento, tentou puxá-los com os dedos adormecidos. Então, percebendo a tolice do gesto, pegou a faca.

Porém, antes que cortasse o cadarço, aconteceu. Foi culpa dele, ou melhor, erro dele. Não deveria ter feito a fogueira sob um pinheiro. Deveria ter ido para uma área aberta. Mas fora mais fácil pegar os gravetos da própria árvore e jogá-los direto na fogueira.

A árvore sob a qual ele fizera a fogueira carregava neve em seus galhos. O vento não soprava há semanas e cada galho estava carregado de neve. Cada vez que o homem puxava um graveto,

mandava leves ondas por toda a árvore, movimentos quase imperceptíveis, mas suficientes para causar o desastre. Lá no topo da árvore, um galho derrubou sua carga de neve. Essa caiu nos galhos abaixo, fazendo-os derrubarem a sua carga. Esse processo continuou, espalhando-se por toda a árvore. Foi crescendo como uma avalanche que, finalmente, desceu com força sobre o homem e sua fogueira, e a fogueira foi extinguida! Onde ela queimara repousava o manto impiedoso e desordenado de neve.

O homem ficou em choque. Era como ouvir a sentença da própria morte. Por um momento, ficou sentado encarando o ponto onde a fogueira estivera. Então ficou muito calmo. Talvez o velho do riacho Sulphur estivesse certo. Se tivesse um companheiro para a trilha, não estaria em perigo. O companheiro poderia ter feito a fogueira. Bom, agora precisava refazer a fogueira e não poderia falhar desta vez. Mesmo se conseguisse acendê-la, era provável que perdesse alguns dedos dos pés. Os pés deviam estar gravemente congelados a essa altura e ainda algum tempo ainda transcorreria antes de a segunda fogueira estar pronta.

Esses eram seus pensamentos, mas ele não ficou sentado os pensando. Estava ocupado durante todo o tempo em que passavam por sua mente. Fez uma nova base para a fogueira, desta vez em área aberta, onde nenhuma árvore traiçoeira poderia eliminá-la. A seguir, ele recolheu grama seca e gravetos pequenos. Não conseguia juntar os dedos para pegá-los do chão, mas os recolhia aos punhados. Dessa maneira ficou também com coisas indesejáveis, como ramos podres e pedaços de musgo, mas era o melhor que podia fazer. Trabalhou metodicamente, recolhendo até uma braçada de galhos maiores para usar quando o fogo ficasse mais forte. E durante todo esse intervalo, o cão o observava sentado, uma certa ansiedade em seu olhar, pois o encarava como o provedor de fogo, e o fogo demorava a chegar.

Quando tudo estava pronto, o homem buscou no bolso pelo segundo pedaço de casca de árvore. Sabia que estava lá, e, ainda que não conseguisse senti-lo com as mãos, ouvia seu nítido ruído enquanto buscava por ele. Tentou de novo e de novo, mas não conseguia segurá-lo. E o tempo todo, em sua mente, estava a consciência de que a cada instante seus pés congelavam. Esse

pensamento tendia a levá-lo a um estado de pânico, mas lutou contra ele e manteve a calma.

Fechou as luvas com os dentes e começou a balançar os braços energicamente, batendo as mãos contra a lateral do próprio corpo com toda força. Movimentou-se sentado e depois repetiu os movimentos em pé. Tudo isso enquanto o cão, sentado na neve com sua cauda peluda de lobo aquecendo as patas e as orelhas pontudas inclinadas para a frente, olhava para o homem. E o homem, balançando os braços e as mãos, sentia uma intensa inveja da criatura que estava quente e segura em sua proteção natural.

Depois de um tempo, começou a perceber os primeiros longínquos sinais de sensibilidade em seus dedos esmurrados. O leve formigamento intensificou até transformar-se em uma dor excruciante, mas o homem saudou a dor com satisfação. Abriu a luva da mão direita e agarrou a casca de árvore do bolso. Os dedos expostos rapidamente adormeciam de novo. A seguir, ele pegou a carteira de fósforos. Mas o frio extremo já havia tomado a vida dos dedos. Em seu esforço para separar um fósforo dos demais, a carteira inteira caiu na neve. Ele tentou pegá-la do chão, mas falhou. Os dedos mortos não conseguiam tocar ou segurar.

Ele estava muito cauteloso. Afastou da mente a ideia dos seus pés, nariz e rosto congelando, devotando toda sua alma aos fósforos. Ele seguiu o movimento dos próprios dedos com os olhos, usando o sentido da visão em vez do tato, e ao ver os dedos um de cada lado da carteira, os fechou – isto é, quis fechá-los, mas os dedos não obedeciam. Ele fechou a luva da mão direita novamente e a bateu com ferocidade contra o joelho. Então, com ambas as mãos enluvadas, colheu a carteira de fósforos, junto com bastante neve, para o seu colo. O que não ajudou muito.

Depois de algumas tentativas, conseguiu colocar a carteira entre as mãos enluvadas. Dessa forma, levou-a para a boca. O gelo que ali havia quebrou e estalou quando ele abriu a boca em um esforço feroz. Contraíu o maxilar, curvou o lábio superior para fora do caminho e conseguiu pegar a carteira com os dentes superiores para separar um único fósforo. Conseguiu pegar um e o soltou no próprio colo. O que não ajudou muito. Ele não conseguia pegá-lo.

Então, teve uma ideia. Pegou o fósforo com a boca e o arrastou pela perna. Vinte vezes repetiu este movimento antes de conseguir acendê-lo. Enquanto flamejava, ele o segurou com os dentes para acender a casca de árvore. Mas o cheiro de queimado subiu ao nariz, fazendo-o tossir. O fósforo caiu na neve e se apagou.

O velho do riacho Sulphur estava certo, pensou no momento de desespero controlado que se seguiu. Abaixo de 45 negativos, um homem deveria viajar acompanhado. Ele bateu as mãos, mas falhou em produzir qualquer tipo de sensação. De repente, ele expôs as duas mãos, tirando as luvas com os dentes. Colocou toda a carteira de fósforos entre as mãos. Os músculos dos braços não estavam congelados e ele conseguia pressionar as mãos firmemente contra os fósforos. Então arrastou a carteira inteira contra a própria perna. Ela entrou em combustão, setenta fósforos de uma vez! Não havia vento para apagá-los. Ele manteve a cabeça de lado para escapar do cheiro de queimado, segurando a carteira em chamas contra a casca de árvore. À medida que segurava, notou alguma sensação na mão. Sua carne queimava. Ele sentia o cheiro. Conseguia sentir algo bem abaixo da superfície, uma sensação que se desenvolveu em dor lancinante. Ainda assim a tolerou, segurando as chamas dos fósforos contra a casca que não acendia de imediato porque suas próprias mãos ardentes absorviam a maior parte do fogo.

Finalmente, quando não podia mais suportar, separou as mãos. Os fósforos crepitantes caíram na neve, mas a casca de árvore queimava. Ele começou a depositar grama seca e os menores dos gravetos na chama. Não conseguia selecioná-los com o devido cuidado porque os itens precisavam ser carregados entre as mãos. Pequenos pedaços de ramos podres e musgo verde ficavam nos gravetos e ele os arrancava o melhor que conseguia com os dentes. Cuidava da chama o melhor que podia. Ela era vida e não podia acabar.

A falta de sangue na superfície do corpo o fazia tremer de frio, deixando-o ainda mais descoordenado. Um pedaço grande e úmido de vegetação caiu na pequena fogueira. Ele tentou empurrá-lo com os dedos, mas seu corpo trêmulo o fez empurrar longe demais e ele espalhou o núcleo da pequena fogueira em uma área mais ampla. Ele tentou juntar novamente a grama e os gravetos em chama, mas

a despeito de seu intenso esforço, os dedos trêmulos não obedeciam e os gravetos estavam irremediavelmente separados. Cada graveto produzia fumaça e morria. O provedor de fogo falhara. Olhando ao redor com apatia, notou o cão sentado do outro lado das ruínas da fogueira. Estava movimentando-se de forma inquieta, levantando ligeiramente uma pata e então a outra.

A visão do cão lhe deu uma ideia desvairada. Lembrou-se da história de um homem, preso em uma tempestade, que matou um novilho e abrigou-se em seu corpo para salvar-se. Ele mataria o cão e enterraria as próprias mãos no corpo quente até que a sensibilidade retornasse. Então faria outra fogueira. Ele falou com o cão, chamando-o para si, mas havia em sua voz uma nota dissonante de medo que assustou o animal, que nunca ouvira o homem falar nesse tom antes. Algo estava errado e sua natureza desconfiada sentia o perigo; não sabia qual perigo, mas em alguma parte de seu cérebro surgiu um medo do homem. Ele abaixou as orelhas com a voz; seus movimentos inquietos e o levantar das patas estavam mais perceptíveis, mas não ia até o homem. Ele se apoiou nas mãos e joelhos para ir até o cão. Esta postura atípica novamente despertou suspeita e o animal se afastou devagar.

O homem sentou-se na neve por um momento e lutou para ficar calmo. Então recolocou as luvas com os dentes e ficou em pé. Olhou para baixo para certificar-se de que estava realmente em pé, porque a falta de sensibilidade em seus pés não lhe dava referência do chão. A posição ereta por si só começou a dissolver as teias de suspeita da mente do cão, e quando falou imperativamente, com o som dos chicotes, o cão recobrou sua fidelidade usual e foi até ele.

Quando chegou ao alcance do homem, este perdeu o controle. Seus braços esticaram-se para segurar o cão e foi com surpresa genuína que descobriu não poder agarrar, não havia flexibilidade nem sensação nos dedos. Por um lapso, havia esquecido que estavam congelados e que estavam congelando mais e mais. Isso tudo aconteceu rapidamente e, antes que o animal pudesse escapar, o homem envolveu o corpo dele com os braços. Sentou-se na neve e dessa maneira segurou o cão, que ladrava, latia e lutava.

Mas era tudo que conseguia: envolver o corpo do cão com os braços e ficar sentado. Percebeu que não poderia matar o cão. Não

havia como fazê-lo. Com as mãos inutilizadas, não conseguiria nem pegar nem segurar a faca, muito menos apunhalar o animal. Ele o libertou e o cão correu selvagememente para longe, a cauda entre as patas, ainda rosnando. Parou a quinze metros do homem e o observou com curiosidade, suas orelhas incisivamente apontadas para frente.

O homem olhou para as próprias mãos para localizá-las e as encontrou pendendo no final dos braços. Achou curioso que fosse necessário usar os olhos para descobrir onde elas estavam. Começou a balançar os braços, batendo as mãos enluvadas contra as laterais do corpo. Ele se manteve assim por cinco minutos. Seu coração distribuiu sangue suficiente para que parasse de tremer. Mas não havia nenhuma sensação nas mãos. Tinha a impressão de que pendiam como pesos no fim de seus braços, mas quando tentava verificar essa hipótese, não sentia nada.

Um certo medo da morte, monótono e opressivo, começou a se apossar dele. Medo que logo se tornou pungente quando ele percebeu não ser mais uma mera questão de congelar os dedos dos pés e das mãos, ou de perder as mãos e os pés, mas que agora era uma questão de vida e morte, com as circunstâncias contra ele. Isso o levou ao pânico e ele virou-se para correr desabalado pela trilha velha e estreita do lago. O cão se juntou a ele e o seguiu de perto. Corria às cegas, sem rumo, com um medo que nunca conhecera na vida. Lentamente, à medida que afundava e lutava contra a neve, começou a ver as coisas mais claramente – as pequenas colinas, as árvores nuas e o céu.

Correr o fez sentir-se melhor. Ele não tremia mais. Talvez, se continuasse correndo, os pés descongelariam, e, de todo modo, se corresse longe o bastante, encontraria o acampamento e os rapazes. Sem dúvida perderia alguns dedos das mãos e dos pés e parte do rosto, mas os rapazes cuidariam dele e salvariam o resto quando chegasse lá. E, ao mesmo tempo, havia outro pensamento que lhe dizia que nunca chegaria ao acampamento e aos rapazes; que estavam a muitos quilômetros, que o congelamento estava na dianteira e que ele logo morreria. Esse pensamento foi mantido em segundo plano e homem se recusou a considerá-lo. Às vezes ele se

adiantava e exigia ser escutado, mas ele novamente o empurrava para trás e tentava pensar em outras coisas.

Parecia-lhe estranho que de alguma maneira conseguisse correr com pés congelados a ponto de não senti-los contra a terra, apoiando o peso de seu corpo. Ele parecia estar voando sobre a superfície, sem contato com o chão. Lembrou-se de ver um Mercúrio alado em algum lugar, e imaginou se era assim que ele se sentia ao voar sobre a terra.

A ideia de correr até chegar ao acampamento e aos rapazes apresentava um problema: lhe faltava a resistência. Por várias vezes tropeçou, até que finalmente cambaleou, caiu e desabou. Quando tentou levantar-se, falhou. Precisava sentar e descansar, decidiu. Da próxima vez iria apenas andar e seguir assim.

Ao sentar-se, recuperando o fôlego, notou que estava sentindo-se quente e confortável. Não tremia mais, e parecia até que um brilho quente tomava conta de seu peito e tronco. E, ainda assim, ao tocar o nariz e o rosto, não sentia nada. Correr não os descongelaria. Nem ajudaria suas mãos e seus pés. Então lhe ocorreu a ideia de que as partes congeladas de seu corpo deviam estar se expandindo. Tentou afastar essa ideia de sua mente e esquecê-la. Sabia que pensamentos assim geravam uma sensação de pavor e ele estava com medo de tais sensações. Mas o pensamento continuou e impôs-se, até produzir uma visão de seu próprio corpo totalmente congelado. Isso já era demais e ele voltou a correr loucamente pela trilha. Desacelerou o passo uma só vez, mas a ideia de o congelamento estar piorando o fez correr novamente.

E o tempo todo o cão corria com ele, em seus calcanhares. Quando o homem caiu pela segunda vez, o cão enrolou a cauda sobre as patas e sentou-se na frente dele, o encarando com uma curiosidade ávida. A calidez e a segurança do animal o enfureceram e o homem o xingou até que o cão abaixasse as orelhas. Desta vez o tremor de frio veio mais rapidamente. Ele estava perdendo a batalha contra o gelo. Estava penetrando seu corpo por todos os lados. Este pensamento o levou adiante, mas não correu mais que trinta metros antes de cair de cabeça no chão. Foi seu último momento de pânico.

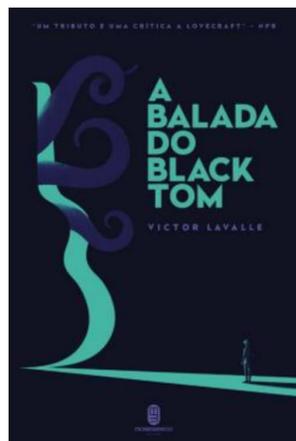
Quando recuperou o fôlego e o autocontrole, sentou-se e pensou em encontrar a morte com dignidade. Entretanto, não foi exatamente assim que a ideia lhe veio. Seu raciocínio fora que ele estava sendo um tolo, correndo por aí como uma galinha degolada – esse foi o paralelo que lhe veio. Bem, ele estava fadado a congelar mesmo, melhor que aceitasse serenamente. Com essa paz de espírito inédita veio a primeira sonolência. Uma boa ideia, pensou ele, dormir até a morte. Era como tomar uma anestesia. Congelar não era tão ruim quanto as pessoas pensavam. Havia muitas maneiras piores de morrer.

Ele imaginou os rapazes encontrando seu corpo no dia seguinte. De repente, viu-se com eles, seguindo pela trilha e procurando por ele mesmo. E, ainda com eles, virou em uma curva e encontrou a si mesmo deitado na neve. Ele já não se pertencia. Mesmo ali ele estava fora de si mesmo, em pé com os rapazes e se vendo na neve. Estava realmente frio, foi o que pensou. Quando ele voltasse aos Estados Unidos, poderia contar para as pessoas como era o frio de verdade. Sua mente flutuou deste pensamento para o velho do riacho Sulphur. Ele conseguia vê-lo com clareza: quente e confortável, e fumando um cachimbo.

– Você estava certo, velho camarada. Estava certo – murmurou para o velho do riacho Sulphur.

Então o homem caiu no que lhe parecia o sono mais confortável e satisfatório que já tivera. O cão sentou-se de frente para ele, esperando. O dia breve terminou em um longo e lento crepúsculo. Não havia sinais de fogueira a ser feita e na experiência do cão, homens não ficavam assim na neve sem fazer fogueira alguma. Conforme a tarde escurecia, seu desejo pela fogueira o dominou. Com muito levantar de patas, ele chorou suavemente, depois abaixou as orelhas, esperando os xingamentos do homem. Mas o homem continuou em silêncio. Mais tarde, o cão uivou intensamente. E ainda mais tarde foi até o homem e sentiu o cheiro de morte. Isso fez o animal se eriçar e afastar-se. Demorou-se mais um pouco, uivando sob as estrelas que saltavam e dançavam e brilhavam intensamente no céu frio. Então virou-se e correu pela trilha para o acampamento conhecido, onde estavam os outros provedores de comida e de fogueiras.

Livros que você pode gostar



O que achou do projeto cápsula? Conte para a gente!

**CLIQUE AQUI PARA
COMENTAR**